



A EJA E A PANDEMIA: RESISTÊNCIA, EXPERIÊNCIAS E FORMAÇÃO

Lucas Bispo de Oliveira Santos
Universidade do Estado da Bahia – UNEB (Brasil)
Endereço Eletrônico: lucasoliveira_ba@hotmail.com

Tânia Regina Dantas
Universidade do Estado da Bahia UNEB (Brasil)
Endereço Eletrônico: taniaregin@hotmail.com

205

INTRODUÇÃO

O trabalho proposto, visa trazer reflexões sobre a Educação de Jovens e Adultos no período pandêmico e contribuições para os professores que trabalham com essa modalidade de ensino. Tais reflexões se baseiam em uma pesquisa de mestrado pelo Programa de Pós – Graduação em Educação e Contemporaneidade, entre os anos de 2020 a 2022. Anos que nos tem convocado a reflexões e aprendizagens, sendo também anos de reconstruções e reelaborações. A penetrabilidade e a invasão de um novo vírus que avançou todo o planeta causaram inúmeros transtornos, deixando milhares de pessoas doentes, matando-as e repercutindo no contexto social e econômico com o fechamento do comércio, instituições de ensino, locais de lazer, dentre outros. Vivemos em um mundo permeado de incertezas que provocam efeitos diversos na subjetividade dos sujeitos. Somos afetados pelos elementos culturais e sociais, muito fortemente pelo uso intenso das tecnologias digitais e seus artefatos, pela globalização e pela comunicação em rede.

Entender o papel da educação, a partir das itinerâncias onde efetivamente se manifestam e concretizam a existência humana na realidade, faz-se fundamental. Essa existência deve ser compreendida como um intercruzamento entre prática, técnica e política, atravessada por uma propositividade teórica. Nascida, a partir de uma nova racionalidade científica, que é entendida por Boaventura de Sousa Santos (1986, p. 3) como “[...] um modelo totalitário, na medida em que nega o carácter racional a todas as formas de conhecimento que se não pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas”.

Esse momento, ao qual estamos vivendo, se situa na contemporaneidade. Segundo Agamben (2009), temos uma singular relação com o próprio tempo, é o tempo da vida do indivíduo. Esse sujeito contemporâneo pode ser pensado como aquele que

Realização:



Apoio:





mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Esse tempo foi alterado a uma velocidade sem precedentes, com uma constância na sociedade, mediante a destruição das fronteiras nacionais para a liberação na movimentação de pessoas, mercadorias e capitais por todo o globo terrestre, possibilitou a globalização, um crescimento gigantesco dos ideais capitalistas, que, com seu projeto neoliberal, impôs à classe de professores uma formação precária e que, por muitas vezes, não contribui para uma efetiva escolarização dos sujeitos, permitindo, assim, a não constituição de cidadãos atuantes perante a sociedade.

Considerando, portanto, que o processo de ensino-aprendizagem é, essencialmente, uma atividade humana (FREIRE, 1997). Uma atividade que requer diálogo permanente, aumentando a capacidade de escutar o outro, de colaborar com o outro, respeitando-se as diferenças contemporâneas que são advindas do modelo social e econômico atual e desvelando as informações manipuladas.

É por isso que, não podemos fugir dos ensinamentos da V Conferência Internacional de Jovens e Adultos (Confinteia), que nos alerta para o cumprimento do entendimento da EJA, como sendo:

[...] todo o processo de aprendizagem, formal ou informal, onde pessoas consideradas ‘adultas’ pela sociedade desenvolvem suas habilidades, enriquecem seu conhecimento e aperfeiçoam suas qualificações técnicas e profissionais, direcionando-as para a satisfação de suas necessidades e as de sua sociedade. A educação de adultos inclui a educação formal, a educação não formal e o espectro da aprendizagem informal e incidental disponível numa sociedade multicultural, onde os estudos baseados na teoria e na prática devem ser reconhecidos. (SESI; UNESCO, 1999, v. 1, p. 42).

A EJA constitui, assim, um conjunto diverso de possibilidades que permite ao oprimido, que ainda não teve a oportunidade, conhecer o mundo de maneira reflexiva (FREIRE, 1998). Essa prerrogativa nos convoca a pensar ainda sobre formas de resistir a uma educação de massa, na contemporaneidade, na qual tem sido valorizada e racionalizada como um meio de progresso social.

METODOLOGIA

Estamos vivendo um momento de (re)existência da educação, das pesquisas, dos professores em tempos de pandemia. Paulo Freire (1998, p. 78) nos alenta ao dizer: “existir humanamente é pronunciar o mundo, é significá-lo. O mundo pronunciado, por



sua vez, volta problematizado aos sujeitos pronunciando, a exigir deles novo pronunciar”.

As pesquisas, assim como outros campos da nossa sociedade, foram afetadas pela pandemia, mas estamos aqui nos (re)adaptando, (re)construindo e (re)significando. Aprendendo com Lüdke e André (2014, p.14) que o pesquisador deve dispor nesses arranjos toda sua astúcia, “[...] habilidade técnica e uma dose de paixão para temperar (e manter a têmpera!). Mas que cerque o seu trabalho com o maior cuidado e exigência, para merecer a confiança dos que necessitam dos seus resultados”.

Neste estudo, a compreensão será ancorada no método (auto)biográfico. Quanto ao método proposto, Delory-Momberger (2012, p. 525) traz que a “[...] compreensão narrativa da experiência se apresenta como uma escrita, isto é, como um modo de apreensão e de interpretação da vivência, com sua dinâmica e sua sintaxe, seus motivos e suas figuras”. Nessa perspectiva, Passeggi, Souza e Vicentini (2011) corroboram ao dizer que “não se trata de encontrar nas escritas de si uma ‘verdade’ preexistente ao ato de biografar, mas de estudar como os indivíduos dão forma às suas experiências e sentido ao que antes não tinha”.

207

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O sujeito é um indivíduo que se faz e se refaz permanente, no mesmo sentido, podemos pensar sobre o professor emergido em suas experiências, uma vez que não há como separar o “professor da pessoa” (NÓVOA, 1995). Isso nos leva a compreensão de que o “ser professor” é impactado pela pessoa, assim como a pessoa interfere em seu “ser profissional”. Percebe-se, desse modo, a importância do investimento pessoal e profissional do professor.

Quanto ao exercício da docência em EJA, que se pretende ser transformador de sujeitos, devemos buscar estabelecer uma conexão no relacionamento entre questões particulares e gerais, entre o indivíduo e a sociedade, entre os componentes curriculares e a escola, e entre ela mesma e seu entorno social, a fim de que se potencialize a ampliação do espaço de participação social de parcelas da população excluídas de processos formais de ensino.

O professor deve, assim, compreender as necessidades socioeconômicas dos alunos, dar atenção à diversidade na aula, estimular a heterogeneidade, favorecer a individualização e a socialização do ensino, potencializar processos de colaboração

Realização:



Apoio:





reflexiva entre os profissionais, desenvolver intervenções pedagógicas para os alunos com maiores necessidades sociais em uma dimensão mais cognitiva, adequar e adaptar as práticas pedagógicas às necessidades educativas dos alunos.

Entretanto, o que se percebeu durante a pandemia e com o retorno às aulas presenciais é uma realidade do cotidiano escolar no qual ocorrem acúmulos de queixas dos professores em formação e/ou dos que já estão na prática da sala de aula, falta de consistência na formação profissional docente oferecida nos cursos de nível superior. E, no caso específico da EJA, a falta de experiência e/ou formação específica reflete-se na evasão estudantil, por conta da não atratividade nas aulas. Dessa maneira, ao pensarmos sobre a questão da construção do conhecimento dos professores e do desenvolvimento da *práxis* da sala de aula, especificamente em EJA, é necessário refletir sobre a dimensão da experiência. Experiência essa que saiba agregar e valorizar a diversidade dos diferentes lugares e a trajetória percorrida pelos grupos, bem como as diferenças físicas e cognitivas presentes.

Considerando a formação no âmbito da experiência como uma categoria importante para o presente estudo, lembramos das reflexões de Larrosa (2004) ao falar que a experiência agora não é mais definida por um tempo cronológico vivido, e sim pelos momentos em que somos atravessados e levados a novos modos de existir.

Partindo dessa perspectiva, analisar as narrativas (auto)biográficas é, então, o processo de compreensão sobre o fluxo contínuo da vida, permitindo-nos aprendizagens a partir das experiências do outro. Dessa forma, podemos pensar que experiência e vida estão inter-relacionadas. E nós, educadores, estamos interessados na aprendizagem e no ensino de como ocorre esse processo, pois, temos no nosso cotidiano, a tarefa de lidar com vidas, valores, atitudes, crenças e sistemas sociais diferentes.

CONCLUSÃO

As narrativas expressam saberes dos sujeitos, suas experiências, suas subjetividades e singularidades como princípio fundamental para a construção do conhecimento de si e da/para EJA, tanto do ponto de vista pessoal quanto do ponto de vista profissional e acadêmico. O que se apresenta para nós sobre as narrativas (auto)biográficas são as possibilidades da evocação de memórias, lembranças, que desabrocham como flores na primavera. Imprimindo as vidas em formação, um sentido



existencial e uma quase certeza que nada está pronto, tudo ainda é um inacabamento, uma formação da formação.

Por essa perspectiva, devemos considerar que em pleno século XXI, a sociedade brasileira vem sofrendo com a pandemia de *covid-19* e com o desmanche do ensino público, as universidades vêm sendo atacadas e a ciência negada pelo atual governo brasileiro.

É necessário sim se pensar em políticas públicas que valorize a pluralidade e diversidade que o público da EJA apresenta. Essa modalidade de ensino possui uma responsabilidade grande: escolarizar e conscientizar homens e mulheres, jovens, adultos e idosos que pararam seus estudos por motivos diversos da vida.

209

PALAVRAS – CHAVE: Educação de Jovens e Adultos. Pandemia. Narrativas.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.
- DELORY-MOMBERGER, C. Abordagem metodológica na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 51, p. 523-740, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/5JPSdp5W75LB3cZW9C3Bk9c/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 out. 2021.
- FREIRE, P. **Educação e mudança**. Tradução: Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 58. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- LARROSA, J. **Nietzsche & a educação**. Tradução: Semíramis G. da Veiga. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: EPU, 2014.
- NÓVOA, A. **Formação de professores e profissão docente**. Os professores e sua formação. Lisboa: Publicação Dom Quixote, 1995.
- PASSEGGI, M. C.; SOUZA, E. C.; VICENTINI, P. P. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto) biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 369-386, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/4275>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- SANTOS, B. S. Um discurso sobre as ciências. **Estudos Avançados**, São Paulo, p. 46-71, 1986. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v2n2/v2n2a07.pdf>. Acesso em: 1 set. 2020.
- SESI; UNESCO. **CONFINTEA: Declaração de Hamburgo: agenda para o futuro**. Brasília, DF: Sesi: UNESCO, 1999. (Serie Sesi/UNESCO – Educação do Trabalhador, v. 1). 5^o Conferência Internacional de Jovens e Adultos realizada em 1997. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001297/129773porb.pdf>. Acesso em: 3 set. 2020.

Realização:



Apoio:

